



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA – UNILAB
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO – PROGRAD
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – ICSA
CURSO DE BACHARELADO EM ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA PRESENCIAL**

ANTÔNIA KARINE DO NASCIMENTO FREITAS DE OLIVEIRA

**GERAÇÃO DE RENDA E EMPREENDEDORISMO DE MULHERES INDÍGENAS:
UM ESTUDO NA COMUNIDADE PITAGUARY, PACATUBA, CEARÁ, BRASIL**

REDENÇÃO, CEARÁ, BRASIL

2024

ANTÔNIA KARINE DO NASCIMENTO FREITAS DE OLIVEIRA

**GERAÇÃO DE RENDA E EMPREENDEDORISMO DE MULHERES INDÍGENAS:
UM ESTUDO NA COMUNIDADE PITAGUARY, PACATUBA, CEARÁ, BRASIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Administração Pública da
Universidade Internacional da Lusofonia
Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito
parcial para obtenção do título de Bacharel em
Administração Pública.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Rosas Magrini

REDENÇÃO, CEARÁ, BRASIL

2024

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da UNILAB
Catalogação de Publicação na Fonte.

Oliveira, Antonia Karine do Nascimento Freitas de

.

048g

Geração de renda e empreendedorismo de mulheres indígenas: um estudo na comunidade Pitaguary, Pacatuba, Ceará, Brasil / Antonia Karine do Nascimento Freitas de Oliveira. - Redenção, 2024.
37f: il.

Monografia - Curso de Administração Pública, Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2024.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Rosas Magrini.

1. Empreendedorismo. 2. Mulheres indígenas. 3. Política pública. I. Título

CE/UF/BSP

CDD 305.4

ANTÔNIA KARINE DO NASCIMENTO FREITAS DE OLIVEIRA

**GERAÇÃO DE RENDA E EMPREENDEDORISMO DE MULHERES INDÍGENAS:
UM ESTUDO NA COMUNIDADE PITAGUARY, PACATUBA, CEARÁ, BRASIL**

Monografia apresentada como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Administração Pública do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB - Campus do Ceará.

Aprovada em: 22/11/2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Pedro Rosas Magrini (orientador)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Prof^a. Dr^a. Andrea Yumi Sugishita Kanikadan

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Prof. Dr. Jon Anderson Machado Cavalcante

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

AGRADECIMENTOS

À Deus, por ter me ajudado a chegar até aqui, reconheço que sem Ele, nada posso.

Ao meu pai (sr. Ivan) que me incentivou com o pouco conhecimento que tinha, a me dedicar aos meus estudos, sei que ele ainda tinha muita coisa para compartilhar, e sei também que ele gostaria de me ver chegando até aqui, mas infelizmente não foi possível, sua precoce partida não o permitiu ver a mim e minha irmã (Taynah) chegar ao ensino superior, sei que estaria muito orgulhoso de nós, somos gratas por tudo, pai.

À minha mãe (sra. Jacinta) que fez, desde a partida de meu pai, o papel duplo de pai e de mãe e que sempre me incentivou a ser melhor e a buscar o melhor.

À minha irmã, que não só na vida acadêmica, mas em muitos momentos da vida me ajuda a me manter firme, você é importante para mim.

Ao meu amado, amigo, companheiro e esposo (Lucas) por ter me dito naquele dia de dúvida “se não tentar, não vai saber”, sou grata por todo apoio, por compartilhar comigo a vida. Obrigada pelo incentivo e por ser meu maior encorajador, não só para chegar até aqui, mas em tudo na vida. Sou grata por ter ao meu lado o homem que vive comigo o nosso maior sonho realizado, assim como melhor marido para mim, é o melhor pai que eu poderia dar a nossa princesa. Eu amo você!

À minha pequena Lara Yasmin, desde de o meu ventre experimentou da corrida vida acadêmica. Ainda nem sabe o que está acontecendo, não entende que sua mãe está realizando outro grande sonho, mas sou grata porque através de sua chegada, Deus me fortalece cada dia mais. Minha filha, quero ser para você um grande exemplo, não só na educação, mas no que você precisar que eu seja.

Ao meu professor e orientador Pedro Magrini que não só orientou, mas foi um grande exemplo de profissional, muito competente no que faz.

Aos meus colegas da turma de Administração Pública 2019.1, partilhamos muitos momentos, foi um privilégio conhecer e conviver. Agradeço de coração ao grupo CRU por preparar momentos de leveza e reflexão em dias tão aflitos, através da palavra de Deus, tive o prazer de participar de algumas reuniões, é lindo o trabalho e o que Deus faz através da vida de cada um que se dispõe a levar esse momento aos alunos.

Aos meus colegas de sala que estiveram mais próximos, partilharam não só os sentimentos em relação à vida acadêmica, mas à vida pessoal, lembro quando dei a notícia da chegada da minha filha, Lara, vocês sabiam o quanto era importante para mim, e sentiram comigo a

mesma felicidade! Tivemos muitas memórias e que sempre marcarão, Cris, Ana, Laís, Renan e Nicolas, sem o apoio de vocês seria mais difícil.

Aos profissionais da DTI, onde realizei meu estágio, ao diretor Giancarlo Vecchia, que por dois anos se dispôs a contribuir com a minha vida acadêmica e também profissional, quando estagiei sob sua supervisão.

À coordenação do curso de Administração Pública por estar sempre à disposição e pelo importante suporte e excelente orientação.

À UNILAB que me proporcionou momentos incríveis de conhecimentos, e principalmente porque me deu a oportunidade de chegar até aqui quando abriu o edital específico para indígenas, é de suma importância esse incentivo!

“Deus é poderoso para fazer muito além do que pedimos ou imaginamos.”

(Efésios, 3:20)

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo discorrer sobre os desafios enfrentados pelas mulheres que buscam um lugar no mercado de trabalho e quais estratégias de geração de renda, sobretudo, as mulheres indígenas que encontram ainda mais dificuldades. Desse modo, foram expostas questões como os problemas enfrentados por essas mulheres; quais e se existem políticas públicas que as auxiliem nesse trajeto; entrevistas através de questionário aplicado, para saber dessas mulheres como tem sido a experiência. Foi possível perceber que além dos esforços para conseguir um lugar no mercado de trabalho, as mulheres também lutam constantemente para permanecerem, pois em muitos casos existe a necessidade de múltipla jornada e isso é o que torna a questão do trabalho formal, um grande desafio. Desse modo, é possível perceber que na maioria dos casos citados, o que existe por trás do empreendedorismo é o trabalho informal, é a necessidade, e não opção, ou seja, as mulheres se sentem encorajadas a começar um negócio por meio da falta de renda familiar.

Palavras-chaves: Empreendedorismo. Mulheres Indígenas. Política Pública.

ABSTRACT

This work aims to discuss the challenges faced by women seeking a place in the job market and income generation strategies, especially indigenous women who encounter even more difficulties. In this way, issues such as the problems faced by these women were exposed; what and if there are public policies that help them in this journey; interviews using a questionnaire, to find out from these women what their experience has been like. Furthermore, the responses from the interviews/visits made to women were highlighted and how they can be helped and guided, based on the responses and results. It was possible to notice that in addition to their efforts to find a place in the job market, women also constantly fight to stay there, as in many cases there is a need for multiple shifts and this is what makes the issue of formal work a great challenge. In this way, it is possible to see that in most of the cases mentioned, what exists behind entrepreneurship is informal work, it is a necessity, not an option, that is, women feel encouraged to start a business, due to the lack of family income.

Keywords: Entrepreneurship. Indigenous Women. Public Policy.

LISTA DE SIGLAS

AMARN - Associação das Mulheres Indígenas do Alto do Rio Negro CF - Constituição Federal

AMICE - Articulação das Mulheres Indígenas do Ceará

CNPJ's - Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas

CLT - Consolidação das leis do trabalho

CUT - Central Única Dos Trabalhadores

CIMT - Comissão Interna da Mulher Trabalhadora

FGV - Fundação Getúlio Vargas

GEM - Global Entrepreneurship Monitor

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

MEI - Microempreendedor Individual

ODS - Objetivos de Desenvolvimento Sustentável

ONU - Organização das Nações Unidas

PNPM- Plano Nacional de Políticas Para Mulheres

SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

SEMESP - Sindicato das Mantenedoras de Ensino Superior

USP - Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 OBJETIVOS	11
2.1 Objetivo geral	11
2.2 Objetivos específicos	12
3 METODOLOGIA	12
4 REFERENCIAL TEÓRICO	13
4.1 EMPREENDEDORISMO NO BRASIL	13
4.2 MULHERES NO EMPREENDEDORISMO	15
4.3 EMPREENDEDORISMO POR MULHERES INDÍGENAS	18
4.3.1 Mulheres Pitaguary	21
5 MULHERES EMPREENDEDORAS: SONHOS, TRABALHO INFORMAL E PRECARIZAÇÃO	22
5.1 EMPREENDEDORAS INDÍGENAS	26
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
7 REFERÊNCIAS	33

1 INTRODUÇÃO

O empreendedorismo tem se tornado um dos caminhos mais traçados pelas pessoas atualmente. Nos últimos anos, é possível perceber que sempre tem um pequeno/a empreendedor/a ao nosso redor, em qualquer lugar que estivermos. Mas empreender não é só escolher algo para vender e fazer daquilo sua principal fonte de renda ou até mesmo auxílio no sustento familiar, empreender é começar algo novo, é necessário entender que essa escolha ou necessidade vem acompanhada de riscos e variadas dificuldades na inserção a esse meio.

Dolabela (2006, p. 29) diz que “O empreendedor é um ser social, produto do meio em que vive (época e lugar)”, ele é capaz de modificar e atender as necessidades crescentes e recorrentemente mutáveis da sociedade, através de sua capacidade de reinventar e por esse meio, proporcionar relevantes transformações tanto nas questões econômicas, como nas questões sociais, podendo até mesmo relacionar as questões ambientais.

O Empreendedorismo gera renda e é capaz de ser o principal meio de sustento de um lar. Um dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU (Organização das Nações Unidas) é o trabalho decente e crescimento econômico¹, nada mais sustentável que um trabalho empreendedor, em que existe naturalmente, o equilíbrio entre os aspectos sociais e ambientais, trazendo a relevância de um trabalho decente e digno, pois considera-se o impacto ambiental e a responsabilidade social das atividades realizadas pelo negócio empreendedor, uma vez que um pequeno negócio vai gerar renda e sobretudo, desenvolvimento sustentável.

Desse modo, empreender vai além de “colocar um negócio”, envolve muito mais questões, pois “a noção de empreendedorismo considera aquelas pessoas que geram ou aproveitam oportunidades na sociedade e, a partir disso, desenvolvem uma atividade econômica organizada, criando valor para si e para a sociedade” (Carreira et. al, 2015, p. 07), firmando a ideia de parceria com a economia e responsabilidades sociais, o empreendedorismo tem um grande potencial em ser precursor de desenvolvimento econômico tanto local quanto a nível regional.

Uma das principais dificuldades encontradas no meio do empreendedorismo é a questão financeira, pois faz-se necessário um investimento inicial, no entanto, o empreendedorismo para mulheres pode ser um desafio ainda maior, por diversos fatores, como simplesmente por serem do gênero feminino, por exemplo, pois as mulheres (chefes de família ou não) têm buscado uma independência financeira que até então não tinham, e esse espaço tem sido conquistado aos

¹ Promover o crescimento econômico inclusivo e sustentável, o emprego pleno e produtivo e o trabalho digno para todos. NAÇÕES UNIDAS BRASIL. Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs/8>. Acesso em: 27 set. 2024.

poucos, uma vez que, atualmente, existe a feminização do mercado de trabalho, ou seja, elas têm buscado um espaço antes conquistado majoritariamente por homens.

A busca pela independência financeira feminina não tem sido diferente nos territórios indígenas. Como é possível perceber na comunidade Pitaguary, localizada no município Pacatuba, distrito de Monguba, Ceará, Brasil - local em que reside a autora da presente pesquisa - no território é possível encontrar várias mulheres que enfrentam o risco, buscando no empreendedorismo uma forma de conquistar um meio de renda principal, ou um auxílio na renda familiar, seja pelo empreendedorismo cultural ou financeiro em si, essa busca vem se tornando mais comum, e desse modo, se evidenciando cada vez mais. Dentre tantos desafios, essas mulheres se reinventam como for necessário.

Como a atuação feminina no papel de empreendedora é relativamente recente, encontra-se maior quantidade de dados sobre empreendedores do sexo masculino, na maioria das vezes ainda as informações não estão divididas conforme o gênero (Amorim e Batista, 2012), inclusive questões salariais, o que tem ocasionado um grande movimento feminino na atualidade, pois as mulheres têm reconhecido seus direitos como trabalhadoras igualmente como os homens, sendo assim, por mérito, dignas de salários compatíveis e igualitários.

As mulheres indígenas têm buscado se encaixar no mercado de trabalho, não só como empreendedoras, mas em outras profissões de diversos setores, como, na educação, na saúde, no meio político, entre outros, no entanto, elas têm encontrado um caminho de independência financeira no empreendedorismo financeiro e inclusive cultural, pois este traz à memória a história de suas terras e a resistência de seu povo, é uma forma de mostrar e fortalecer a sua cultura.

Contudo, nem sempre existiu essa oportunidade para o gênero feminino, pois se torna mais comum para os homens; para eles, empreender é uma liberdade, para as mulheres, é realmente uma necessidade, e esse espaço tem sido tomado também por mulheres que têm como objetivo suprir seus anseios, seja por questões de dificuldade financeira, seja para mostrar a sua cultura, ou o dois. Diante disso, surge o seguinte questionamento: quais estratégias de geração de renda as mulheres indígenas da etnia Pitaguary de Pacatuba - CE usam para conseguir autonomia financeira?

Atualmente no Brasil, existe um aumento considerável do número de mulheres que buscam a sua independência financeira e colocam nessa busca a esperança de se realizarem financeiramente. É comum ver muitas mulheres que são mães, donas de casa, estudantes e trabalhadoras (independente de estarem casadas, ou não) ou seja, tem uma vida de “dupla

jornada”, e buscam o equilíbrio entre as suas funções, optar por começar o próprio negócio, assim, encontrando no empreendedorismo uma forma de se manterem financeiramente.

As mulheres indígenas têm se arriscado nesse mundo de novas possibilidades, e empreender é muito desconhecido para elas, por não terem muitas informações e orientações, mas isso não as impede de seguir o que desejam.

No território indígena Pitaguary de Pacatuba, muitas mulheres pouco a pouco têm buscado e conquistado seu espaço no mercado de trabalho, na educação, no meio político, no empreendedorismo, entre outros, usando a sua criatividade e experiência cultural. Na concepção dos autores Adelar Francisco Baggio e Daniel Knebel Baggio (2014, p. 26), o empreendedorismo pode ser compreendido como a arte de fazer acontecer com criatividade e motivação, [...] é a busca do autoconhecimento em processo de aprendizagem permanente.

A pesquisa traz ao conhecimento, como essas mulheres da etnia Pitaguary vem se destacando e o que as move, mostrando o que tem sido dificuldade e o que tem sido ajuda, ao entrar no ramo do empreendedorismo. Percebe-se que na busca pelo ato de empreender existe algo que está relacionado à criatividade e à motivação. Será que essa motivação é totalmente pessoal, pois querem uma melhoria na vida financeira, ou, querem a partir da cultura, mostrar os valores do seu povo? Sabendo que é mais valorizada e aceita pela sociedade, a presença masculina nesse meio.

Uma das motivações da construção do presente trabalho é a realidade de quem pesquisa, pois sendo autóctone da localidade referida no tema, conhece de perto a realidade das mulheres indígenas empreendedoras, e quer compartilhar, no meio de escassos estudos/pesquisas sobre o tema abordado, algo que mostre o valor e a real motivação dessa decisão e quais estratégias utilizadas por parte das mulheres indígenas Pitaguary.

Outra motivação a qual incentivou a pesquisa, é que a pesquisadora cursa Administração Pública presencial e julga necessário mostrar uma temática que tem relevância histórica e cultural para a gestão local.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

- Identificar as estratégias de geração de renda das mulheres empreendedoras Pitaguary no município de Pacatuba, Ceará.

2.2 Objetivos específicos

- Realizar um levantamento das atividades de empreendimento das mulheres pitaguary em Pacatuba;
- Identificar políticas públicas de incentivo ao trabalho de mulheres no município.

3 METODOLOGIA

A metodologia escolhida para a elaboração da presente pesquisa, foi um estudo de caso do tipo exploratório-descritivo com abordagem qualitativa, constituindo amostra de mulheres indígenas empreendedoras da etnia Pitaguary, sendo elas, mães, donas de casa, estudantes, que fazem do empreendedorismo um meio de se manterem, sobretudo, um meio de ajuda financeira, e ainda, podem mostrar a sua cultura.

Foi utilizado a técnica de questionário, de forma aberta, para a coleta dos dados, visando compreender as atividades empreendedoras e seus significados, incluindo motivações e dificuldades encontradas por essas mulheres. Além disso, foram feitas pesquisas e análises de documentos.

Os questionamentos estão em torno de: “Elas empreendem?” “Qual a principal motivação para empreender?”; “Qual a principal dificuldade encontrada?”; “Qual forma de empreendedorismo? Financeiro ou cultural? formal ou informal?”.

O local da realização da pesquisa foi na comunidade indígena Pitaguary, a qual encontra-se situada no município de Pacatuba, Ceará, Brasil.

Sobre o método qualitativo, Creswuell (2010) se volta para a compreensão histórica dos participantes, expandindo o conhecimento do fenômeno pesquisado. A abordagem qualitativa busca compreender o comportamento dos indivíduos, assim como suas particularidades, experiências, dentre outros aspectos. Para Kripka et al, (2015, p. 243) os estudos qualitativos se caracterizam como aqueles que buscam compreender um fenômeno em seu ambiente natural, onde estes ocorrem e do qual fazem parte. Nesse sentido, a pesquisa será realizada com base nos fundamentos da abordagem qualitativa, através da pesquisa aberta.

O modo exploratório é definido pelo nível de acompanhamento da pesquisa, ou seja o quanto o pesquisador se envolve, no sentido de estar próximo do objeto de pesquisa, e assim deseja conhecer melhor o assunto para colher mais informações. Nesse sentido, a técnica descritiva propõe descrever melhor os dados coletados, e assim será a metodologia da presente pesquisa. Pode-se considerar uma pesquisa de campo, uma vez que esse tipo de pesquisa,

segundo Vergara (2006), se propõe a coletar dados diretamente com os indivíduos, mantendo uma relação mais próxima da realidade possível.

Os resultados das entrevistas/pesquisa foram expostos a partir de quadros elaborados e também em descrição textual.

4 REFERENCIAL TEÓRICO

A luta pelas conquistas e direitos por parte das mulheres é algo que acontece a muito tempo, dentre tantas reivindicações, existe a feminilização do mercado trabalhista, em que configura-se pela inserção do público feminino no mercado de trabalho, nas organizações, e inclusive no âmbito do empreendedorismo.

Durante o decorrer da história verificou-se que, quando ocorrem mudanças na sociedade, a mulher passa a assumir tarefas que diferem do ambiente familiar e doméstico, costumeiros dos períodos em questão (Amorim e Batista, 2012), vivemos, desse modo, em uma luta constante por parte das mulheres, e atualmente nos encontramos historicamente, em uma época de conquistas por parte desse público.

4.1 EMPREENDEDORISMO NO BRASIL

Naturalmente, o quadro das questões femininas “fora do lugar”, teve início após a Revolução industrial, um período em que demandou um grande número de mão de obra, dentre eles, estavam elas, assim, aumentou o número de empregadas no âmbito fabril, pois aumentava juntamente a necessidade de produção, apesar da jornada de trabalho e dos salários desiguais. Porém ainda no século XIX, existiram várias reivindicações trabalhistas. Contudo, as mulheres regularmente empregadas continuaram trabalhando fora e cuidando de suas casas e da família, dando origem à então “dupla jornada”.

No Brasil, as mulheres começaram a ingressar no mercado de trabalho nos anos 70, e na década de 1980, as mulheres conquistaram mais espaço dentro do movimento sindical, devido ao surgimento da Comissão Nacional da Mulher Trabalhadora (CIMT), na Central Única Dos Trabalhadores (CUT), sobretudo, na Constituição Federal (CF) brasileira de 1988 a mulher conquistou a igualdade jurídica, o que permite não só a reivindicação de direitos, como também reflete que esses movimentos têm sua eficácia, apesar de tantos desafios.

As conquistas por parte das mulheres ocorrem em vários aspectos, mas o que será destacado no presente texto é a relação com a inserção no mercado de trabalho, mais

precisamente, o empreendedorismo, sobre esse, Hisrich e Peters (2002), comentam que, empreender remete a um processo de identificar oportunidades e gerar algo inovador sob condições de incerteza assumindo os riscos envolvidos, neste ínterim, percebe-se que empreender é algo que envolve riscos e tem relação com algo novo, ou seja, ainda não existe, ou até mesmo algo que já existe, porém, em uma nova versão ou uma nova roupagem.

Quem empreende assume riscos e se torna vulnerável ao que exige-se do mercado, pois este é inflexível e possui sanções para os maiores e para os menores igualmente, dessa forma, os desafios só aumentam e tornam-se cada dia mais difíceis para quem quer empreender e que ainda não tem tanto poder aquisitivo.

Este meio tem se tornado uma das funções mais escolhidas pela sociedade atual, segundo o site do SEBRAE (2023) o país alcançou 20,1 milhões de empresas ativas em 2022, isso mostra que mais Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas (CNPJ's) foram realizados, o site revela também que o cenário representa a realidade de muitos empresários optar por formalizar seus negócios e investir em novas ideias, ou seja, se mantém atualizados em busca de inovação, contudo, esse movimento também é fruto do desemprego, que em setembro de 2022, chegou a 8,9% no Brasil, enquanto algumas pessoas escolhem o empreendedorismo por opção ou oportunidade, a maioria o escolhe por necessidade.

Segundo Simone Morais (2015) o empreendedorismo no Brasil vem aumentando, com destaque para as mulheres que através da necessidade e/ou falta de oportunidade nas organizações, optam pela carreira empreendedora.

É fato que essa conquista é recente, porém, o empreendedorismo feminino se encontra em contínuo desenvolvimento, e no Brasil é possível perceber que o número de mulheres empreendedoras tem aumentado, contribuindo para o desenvolvimento econômico do país, sobretudo, para o desenvolvimento local e regional.

Por esse aumento no quantitativo de mulheres empreendedoras, faz-se necessário a assistência por parte dos órgãos públicos, uma vez que estes podem implementar políticas públicas em apoio ao esforço feminino para conseguir autonomia financeira. Essa situação necessita ser mais assistida e ter mais atenção, pois, por mais que o governo disponha de auxílios para a renda familiar, não é o suficiente face às dificuldades econômicas que o país constantemente enfrenta.

4.2 MULHERES NO EMPREENDEDORISMO

As pessoas que decidem empreender configuram-se de traços semelhantes, e bem característicos, no sentido de agirem, ou seja, o modo como se comportam, por exemplo. Para Fillion (2009), o empreendedor é aquele que possui criatividade, conseguindo detectar oportunidades de negócios, toma decisões de riscos e é uma pessoa de visão, ou seja, alguém que decide empreender, provavelmente vai estar ligado nas tendências cotidianas, no que a população busca para satisfazer seus desejos e necessidades.

Já para os autores Bueno, Leite e Pilatti (2004), o empreendedor possui características que o definem como tal, sendo uma delas o desejo constante de estar sempre se aprimorando e se atualizando, tendo isso como busca do aprendizado. E Kassai (1996), por sua vez destaca as principais características presentes em pesquisas que procuram examinar o perfil do empreendedor, a saber: necessidade de auto realização, necessidade de desenvolver sua criatividade, autoconfiança, dedicação, busca de conhecimento, iniciativa, independência e disposição para assumir riscos.

Os riscos são naturalmente impostos nesse meio, cada pessoa que decide empreender deve tomar conhecimento dos riscos que há de correr. Contudo, os desafios não são suficientes para desmotivar uma pessoa determinada a mudar sua vida, inclusive uma mulher que pretende ter autonomia financeira, por conta disso, aumentaram o número de brasileiras que empreendem, que superam além do preconceito existente, a luta pelo poder.

Sobre a citada luta, discorre Corbisier:

A luta pelo poder que tem sido uma das principais molas propulsoras da história, não se explica apenas pela vontade de apoderar-se dos meios que permitem dominar os outros homens, mas também como ensina Hegel, pela exigência de “reconhecimento”, que caracteriza a condição humana (Corbisier, 1978, p.44).

Apesar do recorrente aumento da participação feminina no meio do empreendedorismo e no mercado de trabalho, a realidade é que a atuação masculina ainda é predominante, de acordo com a pesquisa mais atual do Global Entrepreneurship Monitor (GEM) em 2019, o número de homens é de três milhões a mais que o número de mulheres no empreendedorismo estabelecido (negócios já consolidados), segundo a pesquisa, uma das razões desse resultado pode se dar pelo passado com maior número de homens nesse meio, gerando um “estoque” maior de empreendedores, com forte presença masculina.

É possível encontrar no site da Organização das Nações Unidas (ONU), um relato sob o tema O Progresso das Mulheres, feito por Ana Izabel de Carvalho Pelegrino, o qual disserta:

Avanços já foram obtidos, mas o caminho ainda é longo para as mulheres[...] Os desafios são muitos e de grande complexidade pois em certas regiões do país ainda se verificam práticas excludentes impostas a diversos segmentos sociais, justificadas por questões de gênero, raça e etnia. Eis porque a necessidade premente de retornarmos as reflexões trazidas na coletânea O Progresso das Mulheres no Brasil (2006) na conjuntura atual. O presente esforço teórico-analítico deve aprofundar temas relativos à desigualdade de gênero, a violência contra a mulher e a violação dos direitos humanos presente em várias esferas da vida social (Pelegrino, 2011, p.238).

As questões de preconceito de gênero se tornam em diversos assuntos, inclusive quando se trata de independência financeira, contudo, isso é um meio para que exista mais visibilidade nas discussões relacionadas ao tema, é algo que não pode ser deixado de lado. Nesse ínterim, ainda no citado site, Clara Araújo (2011) diz:

O balanço feito em publicação anterior sobre o estado da arte dos direitos e da cidadania das brasileiras até o início da década de 2000 (PIOVESAN, 2006) destacou dois aspectos importantes: a consolidação institucional das conquistas da Constituinte de 1988 e a ampliação dos direitos e da cidadania no plano legal. Um balanço geral da década de 2000 permite assinalar alguns outros aspectos. Primeiro, as experiências de participação política, em geral, independente de cargos, mas voltadas para o exercício da democracia participativa foram muito importantes, diversificadas e contaram com a participação das mulheres. E assim como em outras esferas, no país há uma tendência de melhoria dos indicadores de participação política por sexo e acesso ao poder. Em segundo lugar, esta tendência permanece mais fraca quando comparada à de outras áreas, como a da participação no mercado de trabalho, por exemplo. A inserção feminina no mercado de trabalho é algo irreversível e mostra tendência crescente, em que pese tal inserção ser ainda marcada pelas diferenças salariais e pela segregação ocupacional. Terceiro, os cargos de poder associados com a Representação Política, isto é, cargos elegíveis para o Executivo e para o Legislativo, permanecem como os de mais difícil acesso. E, quarto, algumas das tentativas de respostas a esse quadro de sub-representação, bem-sucedidas em outros países, ainda não apresentaram resultados satisfatórios no nosso caso (Araújo, 2011, p. 92).

Dito isto, percebe-se que a tendência é levar ainda mais a sério os assuntos que envolvem a participação das mulheres em locais de trabalho considerados geralmente como “incomuns”, como ocorre na atualidade.

Esse ponto deve ser tratado como histórico, uma vez que a masculinidade predomina no meio dos negócios a bastante tempo. Karl Marx, em seu trabalho intitulado *O Capital* cita o seguinte:

O fato de que, desse modo, um **homem** sem fortuna, mas com energia, seriedade, capacidade e conhecimento dos negócios, possa tornar-se um capitalista [...] é bastante admirado pelos economistas apoloéticos, embora esse mesmo fato produza um número indesejado de novos **cavaleiros da fortuna**, que entram em competição com os diversos

capitalistas individuais já existentes, e reforce a dominação do próprio capital, ampliando sua base e permitindo-o recrutar sem interrupção forças novas do substrato da sociedade. (Marx, 2017b, p. 660-661; grifo nosso)

Isso fortalece a ideia de como o mundo masculino está naturalmente envolvido nesse meio, e com eles dominam com destreza questões relacionadas a negócios, e o quanto para as mulheres, esse percurso deve ser cautelosamente construído. Vale também lembrar a importância do incentivo e do apoio que deve ser dado a essas mulheres, pois não é um caminho fácil para ninguém, contudo, pode ser muito mais complicado para elas se estiverem sozinhas nessa árdua jornada.

Por falar em questões de desigualdade, atualmente, questiona-se muito sobre o assunto da diferença salarial, que também é um ponto a ser destacado, pois é fato que o trabalho da mulher ainda é menos valorizado, segundo uma pesquisa feita pelo SEBRAE em 2019, as mulheres ganham 22% menos que os homens, neste sentido, é possível perceber o preconceito de gênero, embora se trate de um momento em que existe o crescimento do número de mulheres no mundo trabalhista e emprego formal.

Nesse ínterim, percebe-se que a contratação de mulheres e a definição salarial destas são decisões tomadas baseadas no “sexo”, confirmando essa ideia, citam um realista exemplo, Tenoury, Madalozzo e Martins (2021, p. 37)

Por exemplo: o empregador pode julgar que mulheres, na média, sejam menos comprometidas, dedicadas ou que possuam menos habilidades ou características desejadas por eles, além de ter maior probabilidade de abandonarem o emprego devido à maternidade, resultando em menor apego à força de trabalho. Sendo assim, os potenciais contratantes podem vir a oferecer um salário menor para esse grupo. Num período seguinte, assumindo-se que tais características desejáveis para um empregador dependam dos salários recebidos, segue-se que as mulheres, por receberem um salário inferior ao dos homens, acabem, de fato, investindo menos na obtenção de tais habilidades e, de fato, tenham menor apego à força de trabalho, confirmando a crença inicial baseada em informação imperfeita. (TENOURY, MADALOZZO e MARTINS, 2021, p. 37)

Não é sobre dar poder a mulher, ela pode tornar-se empoderada por si só, mas é sobre entender que as mulheres podem chegar a patamares mais elevados e se igualarem executivamente aos homens, quiçá, até ultrapassá-los. Pois se tiver o mesmo nível de escolaridade e o mesmo grau de competência, não há motivos para valorizar mais o trabalho dos homens os remunerando mais que às mulheres, é necessário existir o reconhecimento merecido, considerando as diversas atividades que uma mulher é capaz de fazer simultaneamente, através de suas habilidades.

É mais do que ultrapassada a idéia de que a mulher deve apenas cuidar do lar, enquanto o homem trabalha fora, não é que a mulher vá “tomar o lugar” do homem, mas se ela se sente realizada saindo para trabalhar fora, ou até mesmo de casa, com seu próprio negócio, ela não deveria ser julgada por isso, pois o empreendedorismo feminino não é só a questão da independência financeira, mas sobre realização pessoal.

O empreendedorismo tornou-se o maior, senão o principal meio de inserção das mulheres da atualidade no mercado de trabalho, e desse modo as mulheres conseguem melhor conciliar trabalho e família, além de se tornarem verdadeiras protagonistas.

O protagonismo feminino envolve mais que a autonomia financeira, outrossim, diz respeito a questões como se sentir segura, independente, realizada, satisfeita profissional e pessoalmente. Segundo Possati e Dias (2002), papéis que envolvem autonomia no trabalho e poder de decisão trazem muita satisfação para as mulheres em posição de liderança e são bons preditores do bem-estar psicológico de mulheres casadas. Assim também é para as mulheres indígenas que às vezes têm menos oportunidade ainda, pois fazem parte de um grupo considerado minoria, por esse motivo podem precisar de mais atenção e assistência.

4.3 EMPREENDEDORISMO POR MULHERES INDÍGENAS

Desde a colonização, os povos tradicionais têm enfrentado muitos desafios, dentre eles, a luta pela permanência e até mesmo pela sobrevivência, uma vez que foi um povo totalmente explorado e desapropriado de seu próprio habitat natural. Muitos anos se passaram e a luta pela resistência ainda é uma realidade enfrentada pelos povos tradicionais. Homens e mulheres indígenas enfrentam diariamente barreiras que impedem o desenvolvimento e garantia de direitos do seu povo, apesar de estarem “assegurados” constitucionalmente, a realidade é outra. Ainda falta muito o que ser feito por esses povos.

As mulheres sofrem muito mais, pois além da exploração no trabalho, também tiveram sua intimidade explorada, o “sexo frágil” foi arduamente aproveitado e mantido como objeto de satisfação sexual por muito tempo. Atualmente ainda existe o preconceito de gênero e etnico-racial, pois é algo estrutural e histórico, porque mesmo que atualmente não existindo os colonizadores opressores do passado, as mulheres - indígenas ou não - ainda sofrem preconceito de gênero, como comenta Luiz Gonzaga Godoi Trigo (2015, p. 38)

No caso de gênero, medidas contra o preconceito serão mais eficazes se houver a compreensão da sociedade de que a exclusão feminina não é um fenômeno regional ou atual, mas uma prática consagrada durante séculos, fundamentada apenas em crenças ou

opiniões que nada tem de científico ou razoável, mas sim escoradas na opressão e no desejo de controle de um gênero por outro, ou seja, das mulheres pelos homens. (Trigo, 2015, p.38)

Desse modo, a compreensão faz-se nítida, de que historicamente existe esse domínio de um gênero sobre o outro, é fato, e que o processo para a real liberdade é a resistência feminina, e a compreensão da sociedade, no geral é a chave para erradicar esse domínio de gênero.

Ao falar de preconceito, diante de tantas dificuldades e resistências, destaca-se também, que o número de mulheres que são de origem indígena, na busca pela liberdade, contudo, por melhores condições de vida no trabalho, sobretudo, no meio do empreendedorismo, vem crescendo, porém, o assunto ainda é demasiadamente escasso em literaturas. Outrossim, tem aumentado por parte delas, a busca por igualdade e visibilidade, são vários os fatores que podem motivá-las a isso, principalmente empreender, para ter desse modo, a sua renda principal.

As mulheres indígenas têm ganhado espaço em diversos debates, inclusive, políticos, o que indica a participação mais ativa de mulheres em ambientes de discussões relevantes para a sociedade em geral. Desse modo, é fortalecido o envolvimento das mulheres indígenas nas questões da gestão local, como é descrito por Verdum (2008, p. 09)

Ao mesmo tempo em que passam a participar das discussões e das campanhas reivindicatórias mais gerais dos indígenas com o Estado brasileiro (como o direito territorial; o direito à saúde; o direito à educação escolar adequada; o direito a um ambiente saudável; [...] o direito à proteção e ao apoio dos órgãos do Estado de defesa dos direitos humanos), as mulheres indígenas trazem novas pautas e preocupações. Enriquecem o debate interno do movimento, trazendo para o coletivo as avaliações e demandas dos espaços específicos em que atuam como mulheres. A violência familiar e interétnica, o acesso aos meios técnicos e financeiros para a geração de renda, a saúde reprodutiva, [...] são inseridos pelas mulheres indígenas no seio do movimento indígena e nos espaços de debate e decisão de políticas públicas. (Verdum, 2008, p.09)

É de suma importância essa participação e interesse das mulheres indígenas por questões sociais, uma vez que os assuntos relacionados ao desenvolvimento local estão diretamente ligados à economia, sendo este ponto o principal no que diz respeito à independência feminina, principalmente no quesito autonomia financeira.

Segundo Anderson e Woodcock (1996), os motivos das mulheres começarem a empreender são: sobrevivência, insatisfação com a liderança masculina, descoberta de um nicho de mercado, satisfação em fazer as próprias decisões, percepção do desafio que em combinação com o prazer e o contentamento aí associados, constitui o fator principal.

Dessa forma, é possível perceber as muitas motivações que influenciam as mulheres a empreender. Não é diferente com as mulheres indígenas, pois para elas, além de ser uma forma

de conseguir independência pessoal e financeira, elas ainda conseguem mostrar a sua cultura e a sua participação no que diz respeito à resistência, não só cultural, mas também de gênero.

O fato de estarem a cada dia mais envolvidas com as questões sociais, faz das mulheres indígenas destaques em suas localidades, configurando uma imagem de empoderamento e permanência, assim, elas alcançam um nível mais alto de autonomia, além de ganharem reconhecimento frente às lutas, mobilizando a gestão municipal a assistirem com mais atenção a busca da disponibilidade das mulheres para lutarem por mais visibilidade.

Desse modo, será mais fácil conseguir que haja por parte da gestão local a iniciativa para desenvolver políticas públicas voltadas a auxiliar essas mulheres, no sentido de apoiar, incentivar, e propor estratégias para que tenham mais oportunidades e mais possibilidades de sucesso em seus negócios.

Através de pesquisas sobre o tema, percebe-se que nem no município de Pacatuba, nem em todo o Brasil, encontram-se políticas públicas voltadas especificamente a essa questão, ou seja, um subgrupo de mulheres, que são totalmente desassistidas, não há nada para ajudar esse grupo específico a iniciarem, nem tão pouco permanecerem com seus negócios.

Há portanto, no geral, um plano em que está incluso as questões étnico-raciais, chamado “Plano Nacional de Políticas Para Mulheres” (PNPM), o qual possui um ponto sobre “autonomia econômica e igualdade no mundo do trabalho, com inclusão social”, e esse ponto aborda três objetivos gerais, a saber:

- I. Promover a autonomia econômica e financeira das mulheres, considerando as dimensões étnico-raciais, geracionais, regionais e de deficiência;
- II. Promover a igualdade de gênero, considerando a dimensão étnico-racial nas relações de trabalho;
- III. Elaborar com base na Agenda Nacional o Plano Nacional do Trabalho Decente, incorporando os aspectos de gênero e considerando a dimensão étnico-racial.

Este plano reflete as mais diversas necessidades do mundo feminino, e que, portanto, precisam ser acompanhadas de perto, com mais eficiência por parte dos gestores, sobretudo, as mulheres indígenas, sendo necessário dar ênfase, de fato, no âmbito étnico-racial.

Apesar de não possuir uma política pública específica para mulheres indígenas que querem empreender, no Brasil, é possível encontrar meios para iniciar o próprio negócio, um possível incentivo para o início de um empreendimento, é o que disponibiliza o Sebrae, o qual é o principal no assunto. O Sebrae concede, inclusive, prêmios para mulheres empreendedoras, chama-se “Prêmio Sebrae mulher de negócios”, que promete incentivar as mulheres a entrar nesse ramo, é uma forma de conseguir facilitar o início no mundo dos negócios, portanto, se

junto a este, o governo elaborasse políticas públicas para esse público, como por exemplo, espaços para mostrarem seus trabalhos, reconhecimento através de divulgação do seu empreendedorismo, apoio financeiro no que diz respeito a isenção de impostos na compra de insumos, seria um apoio bem maior, em que a mulher indígena poderia estar sendo beneficiada.

Um exemplo que pode ser usado como iniciativa local voltada a essa temática, é uma associação existente em Manaus na qual mulheres indígenas que têm interesse em empreender e serem autônomas, recebem acolhimento, chamada Associação das Mulheres Indígenas do Alto do Rio Negro (AMARN) criada originalmente em 1984, um lugar em que esse grupo de mulheres obtém capacitação profissional, e orientação em relação aos seus direitos, sobretudo, promove a articulação política com gestão local e gestão regional.

O empreendedorismo vindo de mulheres indígenas pode ser tanto financeiro, quanto cultural, segundo Lounsbury e Glynn (2001), o empreendedor cultural é aquele que conta histórias que inspiram, convencem e mobilizam para a ação, desse modo, além de vender o produto, ainda vende experiências por meio de histórias, a qual pode ter sido a base para a criação de seu produto.

4.3.1 Mulheres Pitaguary

Na aldeia indígena Pitaguary de Pacatuba, existem muitas mulheres que fazem do empreendedorismo seu principal meio de renda, fazem também da cultura um precursor dessa inspiração. Dentro do território foi criado um museu, o qual foi fundado em 2019, por lá, se passa a história da aldeia por meio de itens e histórias contadas, infelizmente o maior contador de história da aldeia não se encontra mais entre nós, foi retirado para a eternidade em janeiro de 2023, contudo, essas histórias são parte da inspiração para essas mulheres.

É de fato importante, não deixar morrer a cultura nem as tradições dos povos tradicionais, nesse sentido o que muitas mulheres fazem é expressar tudo isso em forma de produtos, como o artesanato por exemplo.

Como já abordado anteriormente, não se reconhece uma política pública voltada aos interesses em questão, nem tão pouco literaturas que sirvam como meio de chamar atenção para a causa, mas as mulheres indígenas, quando se unem, conseguem fazer movimentos que facilitam, de certa forma, a visibilidade para as problemáticas.

No Ceará, temos a Articulação das Mulheres Indígenas do Ceará (AMICE), a qual foi criada durante a 1ª Assembleia Estadual de Mulheres Indígenas do Ceará, realizada em maio de

2007, na aldeia Monguba, da etnia Pitaguary, com o objetivo de unificar e organizar o grupo de mulheres indígenas do estado, para que pudessem refletir sobre seus papéis dentro do movimento indígena e fortalecer sua militância. A AMICE surgiu como um espaço de resistência e protagonismo para amplificar as vozes e lutas das mulheres indígenas cearenses, que é basicamente, um grupo composto por mulheres que organizam movimentos em prol de melhorias, visibilidade e representação, principalmente. O objetivo deste projeto visa realizar rodas de conversas que abordem os principais desafios enfrentados pelas mulheres indígenas no Ceará. Essas conversas propõem promover a troca de experiências, o fortalecimento comunitário e a valorização da história de luta e resistência dessas mulheres.

Durante os encontros, aprofundam-se as narrativas que refletem a história das mulheres indígenas, destacando suas conquistas, desafios e formas de resistência ao longo do tempo. O projeto busca, assim, preservar a memória histórica das mulheres indígenas, fortalecer sua visibilidade e contribuir para a luta por seus direitos e pela proteção de suas culturas e territórios.

5 MULHERES EMPREENDEDORAS: SONHOS, TRABALHO INFORMAL E PRECARIZAÇÃO

De modo que conseguisse o maior número de respostas para o questionário desenvolvido, foi utilizada a ferramenta Google Forms para a aplicação das perguntas. Foi enviado um link para um grupo da comunidade indígena Pitaguary de Pacatuba, com o objetivo de conhecer as mulheres indígenas que empreendem, contudo, o link do questionário acabou alcançando mulheres e fora da comunidade, contabilizando o número de 40 mulheres, as quais, de forma voluntária, responderam e deixaram as suas contribuições.

Com o intuito de entender como as mulheres da região local lida com as questões de conciliação entre trabalho e vida pessoal, foram elaboradas perguntas seguindo a linha de visão dessas mulheres no que diz respeito ao trabalho, sobretudo, o empreendedorismo. A seguir serão expostas as perguntas e as respostas coletadas como dados, para a estruturação da presente pesquisa.

Como citado, o número de respondentes chegou ao total de 40 mulheres. São mulheres com idade entre 18 e 55 anos em que o estado civil varia entre casada, solteira, união estável, divorciada e viúva; todas colaboraram para o alcance dos resultados seguintes.

Quadro 1 - Estado civil das entrevistadas

Casada	7
Solteira	2
Divorciada	29
União estável	1
Viúva	1

Fonte: Criação Própria

É possível notar que existe uma grande quantidade de mulheres divorciadas, isso pode refletir um contexto muito atual, como as questões de busca por independência, por exemplo, sobretudo, questões que envolvem rotina de jornada dupla e a falta de conciliação entre as atividades, resultando desentendimento entre as partes.

Outro ponto que corrobora com esse quantitativo, foi constatado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), em que existe um aumento exorbitante de divórcios nos últimos anos, a pesquisa foi feita em 2022, é considerado um recorde nacional, em que chegaram a 420 mil casos de divórcio no país, uma matéria feita pelo Jornal da USP (2024), expõe que o aumento foi de 8,6% em 2022 na comparação a 2021, um salto de 386 mil para 420 mil, ou seja, um número muito alto, que pode ser visto até mesmo em uma pesquisa rápida pela comunidade.

Além de informações pessoais, as mulheres também responderam sobre questões de trabalho e grau de escolaridade e filhos.

Dentre as 40 mulheres, 12 mulheres responderam que são mães, o número de filhos não ultrapassa a quantidade de 3 filhos, isso mostra que as mulheres as quais o questionário alcançou têm um nível considerável na questão de controle de natalidade.

Quadro 2 - Escolaridade.

Fundamental	0
Fundamental incompleto	2
Médio	11
Médio incompleto	0
Superior	8

Superior incompleto	17
Pós graduação	1
Mestrado	1
Nível técnico	1

Fonte: Criação Própria

O resultado nos mostra que, dentre as mulheres que responderam o questionário, 17 estão no quadro de “superior incompleto”, o que representa 43% das mulheres que colaboraram com a presente pesquisa, mostrando que muitas podem chegar ao ensino superior, melhorando a educação e consequentemente, a colocação no mercado de trabalho.

Uma pesquisa feita pela SEMESP (Sindicato das Mantenedoras de Ensino Superior) expõe que no ano de 2020, o Brasil teve o quantitativo de mais de 5 milhões de mulheres matriculadas em cursos de graduação, presenciais ou EAD, no ensino superior, o que representa 57,9% do total de alunos.

Segundo o IBGE, em uma análise da situação feminina na sociedade brasileira, mulheres têm mais diploma na universidade e vão mais à escola do que os homens. Os dados foram apresentados na terceira edição do levantamento “Estatísticas de gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil”, e mostrou que a maioria das pessoas com ensino superior completo no país, são as mulheres, segundo a amostra elas correspondem a 21,3% dos brasileiros com diploma na universidade, enquanto os homens são 16,5%.

Desse modo, é possível notar que as mulheres além de aproveitarem mais as oportunidades, são mais interessadas em desenvolvimento pessoal e profissional.

Na pergunta sobre autodeclaração, foi especificado que seria a cor da pele, no entanto algumas mulheres acrescentaram a opção “indígena”, o resultado foi o seguinte.

Quadro 3 - Autodeclaração

Preta	4
Branca	11
Parda	18
Amarela	1
Não declarou	1
Indígena (adicionado pelas respondentes)	5

Fonte: Criação Própria

O número de mulheres que se consideram pardas são mais comuns, algumas pessoas preferem não declarar raça/cor, no entanto todas colaboraram respondendo como se autodeclararam, mostrando que a maior parte se encaixa na cor parda.

Sobre a autonomia financeira, apesar de todas as respondentes serem maiores de idade, o maior número ainda é de mulheres que não possuem renda, 23 mulheres responderam que não tem renda, enquanto 17 possui algum tipo de renda.

As que possuem renda, trabalham em diversas áreas, dentre elas: saúde, beleza e educação. As respostas sobre as profissões foram as seguintes: Professora, design de sobrancelhas, fisioterapeuta, secretária escolar, autônoma, analista de RH, estagiária, técnica em radiologia e trancista, com isso é notável as várias ocupações, e o quanto é abrangente cada área de trabalho descrita por essas mulheres. Percebe-se, nesse ínterim, que as profissões ocupadas pelas respondentes, são comuns em espaços femininos, ou seja, nos mostra que existem algumas ocupações que são mais procuradas pelas mulheres.

As mulheres também foram questionadas sobre receber auxílio do governo, tendo em vista que várias famílias são alcançadas pelos benefícios governamentais implantados para a melhoria da renda familiar, a pergunta tinha como opções de resposta: “sim e não”, em que 14 responderam que sim e 26 responderam que não recebem auxílio.

Várias mulheres são alcançadas por programas governamentais, contudo, menos da metade das respondentes se encaixam como beneficiárias de algum desses programas, visto que quando existe um emprego fixo (CLT, MEI) não é possível estar dentro do público beneficiado pelo governo, pois existem algumas regras para a concessão.

E por fim, as mulheres deixaram sua opinião sobre “o que é empreendedorismo”, foram selecionadas dez das quarenta respostas apresentadas na pesquisa.

Quadro 4 - Respostas sobre empreendedorismo.

<i>“É inovar um produto ou serviço já existente.”</i>
<i>“Empreender é você se arriscar, montar o seu próprio negócio, desenvolver ideias e criar algo novo.”</i>
<i>“Empreendedorismo é a criação de negócio que as pessoas fazem para obter lucro, tendo em conta os riscos e os possíveis benefícios.”</i>
<i>“Empreendedorismo é a capacidade de identificar oportunidades de negócios, de criar e inovar em projetos e de assumir riscos calculados para alcançar o sucesso.”</i>
<i>“Acredito que é aprender a utilizar os recursos que estão disponíveis e observar o que está e</i>

<i>destaque no momento para crescer (financeiramente, mentalmente, etc). ”</i>
<i>“Desenvolver soluções e investir recursos na criação de algo positivo para sociedade. Um projeto ou mesmo um movimento que gere mudanças no cotidiano das pessoas.”</i>
<i>“É a capacidade de idealizar e realizar projetos.”</i>
<i>“Empreendedorismo é a possibilidade de desenvolver ideias e oportunidades de novos negócios, visando lucro econômico e mantendo a oferta de uma demanda que a sociedade necessita.”</i>
<i>“Empreendedorismo é a atividade de empreender, ou seja, investir algum valor para início de algum de negócio que gere renda para os indivíduos.”</i>
<i>“Vender uma ideia, produto ou serviço de maneira autônoma.”</i>

Fonte: Criação Própria

Algumas opiniões sobre o que é empreender, segundo os autores supracitados anteriormente, estão na linha “correta”, ou seja, empreender, de modo geral é inovar, acreditar em uma ideia e mostrar para a sociedade que ela precisa de algo fora do comum, é saber que mesmo havendo diversos concorrentes, a chance de dar certo existe e o risco é algo que pode e deve-se correr, para que haja sucesso na não desistência.

No entanto, pouco se fala como última opção, na necessidade de empreender, uma vez que o trabalho informal têm ganhado força sendo um meio procurado por conta da necessidade que existe para suprir a demanda financeira das famílias, ou seja, é no empreendedorismo que muitas mulheres conseguem se reerguer, no sentido de encontrar o seu caminho profissional, quem dera fosse opcional, mas pelo contrário, a busca pela independência financeira vai além de fazer o que gosta, é muito mais complexo, pois a autonomia nesse sentido, se faz por meio da precarização do trabalho formal para público feminino.

5.1 EMPREENDEDORAS INDÍGENAS

Para título de pesquisa qualitativa, neste íterim, sob orientação, foram feitas visitas a três empreendedoras indígenas da comunidade Pitaguary de Pacatuba, a fim de conhecer um pouco mais da história dessas três trabalhadoras, e como essas mulheres conciliam suas tarefas, nesse sentido, descobrir de que modo o trabalho de empreendedora impacta suas vidas.

As mulheres serão identificadas no presente trabalho como P1, P2 e P3 (“P” de Pitaguary). Foram onze perguntas, com exceção das perguntas pessoais.

Quadro 5 - Perguntas Pessoais.

	Idade	Estado Civil	Filhos	Escolaridade	Profissão
p1	41 anos	Solteira	2	Técnico	Confeiteira
p2	54 anos	Divorciada	4	Médio completo	Artesã
p3	43 anos	Solteira	1	Médio incompleto	Comerciante

Fonte: Criação Própria

Nota-se que são mulheres maduras, com idades e experiências suficientes para comentarem com propriedade sobre suas vidas pessoais e profissionais. Também é possível notar que nenhuma é casada, e além disso, tem o atenuante de saberem o que é ter que trabalhar para sustentar uma família, sendo provedoras e mães solteiras. Sobre a escolaridade, apenas uma não concluiu o ensino médio, contudo, nenhuma delas possui ensino superior.

São diversas profissões, no entanto todas com o mesmo objetivo, serem donas do seu próprio negócio, inclusive foi muito comentado pelas três a questão da independência, de que apesar das responsabilidades que traz o trabalho de empreender, ser dona do seu próprio negócio é libertador, principalmente no quesito “fazer seu próprio horário”, ou seja, não ter que depender de chefia para sair mais cedo ou entrar mais tarde, ter que pedir para ser liberada para resolver um problema pessoal, e às vezes nem conseguir essa liberação, como acontece de forma comum dentro das organizações.

A seguir estão algumas perguntas mais aprofundadas, as quais foram apresentadas às mulheres empreendedoras, com o objetivo de conhecer mais sobre as suas rotinas, desafios e trabalhos em si.

Quando questionado sobre as dificuldades encontradas, ficou evidente que o grande problema encontrado pelas três empreendedoras, é a questão da localização, pois por ser um lugar “esquecido” pela gestão local, elas não conseguem atingir um grande número de clientes, por diversos motivos, como relatado pela P1, os clientes têm dificuldade para chegar até sua residência, não tem saneamento básico nas ruas, tem muito buraco e as pessoas deixam de ir até ela por conta disso.

Outro problema relatado é a questão de incentivo por parte da gestão local, como no caso da P2, que é artesã e não consegue clientes com facilidade pois o artesanato não é um trabalho com muito espaço e não sendo muito visto, acaba passando despercebido. Segundo ela:

O mais difícil para dar continuidade ao trabalho é o escoamento do produto, é vender o que produz, às vezes é difícil você conseguir venda, eu produzo e preciso postar,

responder muitas perguntas pra poder fechar uma venda, tem que aproveitar a oportunidade de sair pra vender fora quando tem evento é nesse espaço que a gente vende mais. A internet deu uma ajudada, pois hoje vende muito pela internet. A gente mora muito afastado, não tem muito trânsito de pessoas; Precisa realmente levar pra fora”.

Nesse caso, a venda dos produtos é um desafio, é difícil conseguir vender, é necessário uma forte divulgação e disponibilidade para atender à quem chega através das divulgações, pois a loja física não tem muito movimento por conta da localização. É necessário aproveitar as oportunidades em eventos para vender o artesanato, além disso, é necessário inovar sempre para agradar os clientes.

Em nosso município temos um espaço físico chamado “Portal do Turismo” o qual poderia e deveria ser destinado à essas pessoas que querem mostrar e vender seu artesanato, mas como já citado, não existe esse incentivo, poderia ter também capacitação destinada a essas mulheres, pois a artesã disse que nunca fez curso, é apenas dom e criatividade, se existisse uma capacitação voltada não somente para a área do artesanato, mas do empreendedorismo feminino em si, seria muito mais fácil para essas mulheres que buscam dentre tantas coisas, clientes para que seu negócio não pare.

Sobre já ter trabalhado em alguma outra coisa, todas responderam que já tiveram a experiência de trabalhar em outro emprego, inclusive uma delas possui atualmente, um segundo emprego, pois o seu empreendedorismo não supriria a necessidade da sua família.

Outra trabalhadora diz que se encontra no artesanato e que o emprego anterior como agente de saúde lhe trazia aflição, ela não se sentia bem e viu no empreendedorismo uma forma de gerar renda com que mais gosta de fazer, vemos nesse caso, que para ela, empreender foi como uma opção, visto que apesar de hoje ser a sua única renda familiar, ela escolheu por conta própria, fazer o que gosta.

Sobre experiências profissionais, foi questionado em qual trabalho foi encontrado mais dificuldade, se no anterior ou no atual, todas responderam que foi no anterior, mais por questões principalmente de “liberdade” desse modo observa-se como o empreendedorismo impacta a vida dessas mulheres, inclusive na sua saúde física e mental, pois são diferentes trabalhos e assim, são encontradas diferentes dificuldades dentre as empreendedoras, inclusive uma delas relata ter mais dificuldade no trabalho anterior pois não se encaixava, como já citado, e realmente se encontrou no artesanato, desse modo, não mede esforços para fazer o seu trabalho, visto que a ocupação anterior lhe deixava triste, ao ponto de não conseguir executá-lo, a entrevistada P2 relata:

Tentei me encaixar mas não consegui. Apesar de ser financeiramente equiparados os dois trabalhos, o trabalho anterior foi mais difícil, eu tive mais dificuldade em ser agente

de saúde, esse trabalho foi muito desafiador e eu adoeci, tive que abrir mão. Como artesã, eu viro a noite, o dia.

A entrevistada P3 encontrou uma dificuldade bem comum para quem trabalha com o público, realmente não é fácil, no entanto, a motivação a faz continuar.

Apesar de relatarem diferentes desafios, cada uma, particularmente tomou a decisão que parece ser melhor para cada uma delas e para suas famílias, investir no próprio negócio.

Quadro 6 - Divisão entre trabalho e afazeres domésticos

P1	<i>“É complicado”</i> quando não está trabalhando como confeitadeira ou no outro trabalho é que consegue realizar outras atividades, inclusive dar atenção aos filhos. <i>“As encomendas ficam na parte da noite, mas tem que conciliar”</i> .
P2	Torna-se tranquilo pois não possui mais filhos pequenos e pode contar com a ajuda do atual companheiro. <i>“Eu organizo logo tudo da casa”</i> , antecipa o que der, e prioriza as atividades domésticas para que o tempo restante seja totalmente dedicado ao trabalho.
P3	A semana é dedicada ao comércio, e aos finais de semana cuida da casa.

Fonte: Criação Própria

Administrar o tempo é diferente para cada uma delas, mas sem dúvidas que essa questão se torna mais difícil quando tem criança, para a entrevistada P1, a realidade é esta, com uma criança que demanda mais atenção, ela tenta administrar o seu tempo entre trabalhos e vida pessoal. É a realidade de muitas mães, atualmente, filhos pequenos que precisam de cuidados e mães que necessitam prover o sustento, sendo algo “complicado”, como expõe a empreendedora mãe de dois filhos e com dois empregos.

Atualmente, no Brasil, existem mais de 11 milhões de mães solteiras, uma pesquisa feita pela FGV (Fundação Getúlio Vargas) em 2022, revelou esse quantitativo, mostrando que existe uma grande dificuldade para mães solo conseguirem emprego formal, e muitas vezes até mesmo o emprego informal. pois de qualquer modo, demanda muito, e sem uma rede de apoio é quase impossível conseguir trabalhar.

Quadro 7 - Conflito entre o empreendedorismo e os demais afazeres.

P1	Não interfere nas outras atividades, <i>“acaba limitando a vida social”</i> , pois por ser um segundo emprego o tempo para socializar acaba sendo escasso.
P2	<i>“Não interfere, você só tem que administrar o tempo pra você não para de fazer e também não deixar tudo jogado, não cuidar da casa, não cuidar de você também”</i> Tira um dia da semana para ser sua folga, geralmente às segundas-feiras.
P3	<i>“Não”</i>

Fonte: Criação Própria

Apesar de as empreendedoras relatarem que empreender não interfere em outras atividades, evidenciam que ter tempo para outras coisas é importante, como socializar, como relata a entrevistada P1, deixando evidente que a vida social é algo que fica em segundo plano.

Outro ponto importante é o tempo necessário para cuidar de si, como expõe a empreendedora P2, a saúde mental e física é essencial.

Nesse ínterim, foi perguntado sobre a demanda, se o trabalho demanda muito e de que forma acontece. Duas delas responderam que sim, principalmente no quesito criatividade, no caso, quem confirmou foi a P1 (confeiteira) e a P2 (artesã), para esses trabalhos é necessário ter disposição mental e física, para executar com sucesso as atividades propostas, visto que trabalham muitas vezes sob encomendas.

Desse modo, o tempo investido no trabalho acaba demandando mais do que a disponibilidade, mas envolve também a disposição física e mental, como comentou a entrevistada P2, visto que para que ela consiga fazer o seu trabalho, é necessário criatividade e para isso “a mente precisa estar tranquila”.

Quadro 8 - Influência da renda na contribuição familiar.

P1	<i>“Com certeza! Não seria uma renda que daria pra sobreviver dela sem outro emprego, mas ajuda muito”</i> . Não daria para ser uma renda principal, funciona como complemento da renda familiar, visto que apenas ela trabalha na casa.
P2	Influencia muito, pois não possui outra renda além dessa.
P3	<i>“Sim, por que é só pra mim”</i> Morar só ajuda na questão financeira.

Fonte: Criação Própria

É evidente que por mais que existam as dificuldades, o que é vendido, traz um retorno financeiro considerável. No caso da empreendedora P1, as vendas de bolo ainda não chegam a suprir sua necessidade financeira familiar, no entanto, ela ressalta que trabalha com o que gosta de fazer, isso é um ponto importante para quem quer empreender.

Contudo, é possível perceber que a necessidade ainda é a principal motivação para a não desistência de todas as empreendedoras entrevistadas.

Quadro 9 - Início da atividade empreendedora.

P1	Sempre gostou de fazer bolo e fazia para as comemorações familiares, a origem surgiu quando teve a oportunidade de fazer uma capacitação na área de confeitaria. <i>“Foi a seis anos atrás, quando meu filh</i>
----	---

	<i>nasceu e eu não quis mais voltar a trabalhar porque ele era muito pequeno e saí da empresa e fiz o curso”.</i>
P2	<i>“Eu sempre fiz artesanato desde pequena, só que profissionalmente eu comecei a 23 anos atrás, foi quando eu me separei e eu tinha uma filha pequena e eu tinha que realmente trabalhar pra sustentar ela.”</i> A oportunidade foi a necessidade de sustentar a família, uma vez que se tornara mãe solteira.
P3	Quando saiu do trabalho anterior, decidiu que queria ter o próprio negócio. <i>“Eu não queria mais trabalhar de carteira assinada, não queria mais trabalhar presa”.</i>

Fonte: Criação Própria

Algo em comum entre as três entrevistadas, é a comparação que fazem em relação ao trabalho anterior, que era em regime CLT, ou seja, como expõe a empreendedora P3, ela se sentia presa, a entrevistada P2 chegou a relatar que chorava por não gostar do que fazia, isso significa a questão da liberdade de ter o próprio negócio.

Mais uma vez, a entrevistada P1 representa um grande número de mulheres da atualidade, que vivem situações semelhantes, pois após se tornarem mães, veem a necessidade de deixar o trabalho para cuidar dos filhos, logo, empreender se torna uma grande oportunidade, visto que o mercado de trabalho fica mais desafiador nessas condições, como o estudo citado, feito pela FGV, em que as mulheres, mães solas, são mais propícias ao desemprego, por não serem aceitas nas empresas.

Quadro 10 - Ideia de empreender. De onde surgiu?

P1	Paixão pela área.
P2	Desde criança. <i>“Eu comecei bem novinha a fazer boneca de pano, naquele tempo ninguém vendia, a gente trocava”</i> Desde quando nem sabia o que era empreender, já usava o artesanato como ferramenta circulação econômica.
P3	A ideia veio de uma amiga, pois já decidida a colocar o próprio negócio, comentou com a amiga que passaria a vender roupa, no entanto a amiga deu uma outra ideia <i>“vende comida que é melhor, arroz e feijão todo dia o pessoal compra”</i>

Fonte: Criação Própria

Duas das três empreendedoras afirmam que fazem o que gostam, a ideia de empreender veio de saber fazer e se realizar no trabalho feito.

A última pergunta foi para saber se alguma delas recebem auxílio do governo, e mesmo nenhuma das empreendedoras entrevistadas terem o seu trabalho como algo formal, não recebem nenhum tipo de auxílio governamental, como já citado, é necessário que se encaixe em requisitos definidos pelo governo, uma delas relatou que até tentou, pois depois que a sua filha casou, ficou

só ela em casa, no entanto ainda não conseguiu, outra relata que está procurando receber, visto que o companheiro está desempregado e a única renda vem do artesanato que ela produz.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível perceber que além dos esforços para conseguir um lugar no mercado de trabalho, as mulheres também lutam constantemente para permanecerem, pois em muitos casos existe a necessidade de múltipla jornada e isso é o que torna a questão do trabalho formal, um grande desafio. Desse modo, é possível perceber que na maioria dos casos citados, o que existe por trás do trabalho informal, é a necessidade, e não opção, ou seja, as mulheres se sentem encorajadas a começar um negócio, por meio da falta de renda familiar.

Uma preocupação importante e que deve ser pertinente, é a questão da saúde mental, uma vez que, lidar com jornada múltipla se torna algo desafiador, as mulheres precisam cuidar não só da saúde física, mas sobretudo, da saúde mental, pois vivem sempre pensando em como conseguir o sustento e como manter a família, acabam esquecendo ou deixando para depois a questão de cuidar de si.

O autocuidado não é só sobre a saúde física, mas principalmente, sobre a saúde mental, pois uma pode afetar diretamente a outra.

Negligenciar a saúde mental pode ter muitas consequências, tais como, estresse e ansiedade decorrente da pressão por constantes resultados; isolamento, como relata uma das entrevistadas, a vida social é algo que ela não prioriza, e conseqüentemente a exaustão, com a carga horária muitas vezes excessiva, além disso o peso emocional de ter que tomar decisões difíceis, por isso, faz necessário uma capacitação, para que saibam lidar com típicos desafios de empreendedores, sobretudo, de mulheres que exercem multitarefas.

Cuidar do bem-estar emocional não é apenas uma questão de saúde pessoal, mas também uma estratégia para o sucesso e a longevidade do negócio. Um empreendedor mentalmente saudável tem mais clareza, resiliência e capacidade de tomar decisões eficazes, buscar ajuda de um profissional é importante.

Uma pesquisa mostra que 8 em cada 10 mulheres vivem dupla jornada de trabalho², e esse fato não é só para quem trabalha fora, as empreendedoras se encaixam também nesse índice.

² Uma pesquisa realizada pelo Infojobs apontou que 83% das mulheres afirmaram que vivenciam a dupla jornada de trabalho, com a realização de atividades domésticas e serviços de cuidado com crianças e familiares idosos. CearáAgora. Disponível em: <https://cearaagora.com.br/oito-em-cada-10-mulheres-vivem-dupla-jornada-de-trabalho-com-afazeres-domesticos-e-cuidados-diz-pesquisa/>. Acesso em 27 set 2024.

Através das entrevistas realizadas, tanto no Google Forms, quanto nas visitas feitas pessoalmente, nota-se que as mulheres vem se destacando no quesito independência financeira, no entanto, se houvesse mais apoio entre si, teriam mais força para permanecerem, e terem sucesso em seus negócios. Na comunidade é necessário se unirem para lutar não só por seus direitos e visibilidade individualmente, mas sobretudo, coletivamente.

Contudo, essas mulheres enfrentam diariamente as dificuldades para que possam realizar sonhos e conseguirem renda, seja para complementar, seja para manter, ou até mesmo para serem o sustento de suas famílias, a realidade é que seu trabalho não se faz sozinho, em questão de auxílio, é necessário que essas mulheres encontrem além de apoio, orientação e ajuda por parte da gestão, pois a economia local cresce através dos pequenos negócios.

A oportunidade de empreender deve ser vista como algo positivo, para isso o incentivo se torna essencial, visto que vontade e habilidades não faltam na vida das mulheres empreendedoras.

7 REFERÊNCIAS

AMORIM, Rosane Oliveira; BATISTA, Luiz Eduardo. Empreendedorismo feminino: razão do empreendimento. **Núcleo de Pesquisa da FINAN**, v. 3, n. 3, p. 1-14, 2012.

Anderson, A. H., & Woodcock, P. (1996). *Effective entrepreneurship: a skills and activity based approach*. Oxford, UK/Cambridge, MA: Blackwell Publishers Ltd.

ARAÚJO, Clara. As mulheres e o poder político – desafios para a democracia nas próximas décadas. O progresso das Mulheres no Brasil 2003-2010. Rio de Janeiro: CEPIA; BRASILIA: ONU Mulheres, 2011. p. 90-138. Disponível em: http://onumulheres.org.br/wp-content/themes/vibecom_onu/pdfs/progresso.pdf. Acesso em: 20 mar. 2019.

Associações Indígenas na Cidade de Manaus. Disponível em: <http://biblioteca.funai.gov.br/media/pdf/Folheto66/FO-CX-66-4344-2012.PDF> Acesso em: 18 jun. 2023.

BAGGIO, Adelar Francisco; BAGGIO, Daniel Knebel. Empreendedorismo: Conceitos e Definições. Rev. de Empreendedorismo, Inovação e Tecnologia, 1(1): 25-38, 2014 - ISSN 2359-3539. Disponível em: <https://seer.imed.edu.br/index.php/revistas/article/viewFile/612/522> Acesso em: 03 jun. 2023.

BUENO, A. M.; LEITE, M.L.G.; PILATTI, L. A. Empreendedorismo e comportamento empreendedor: como transformar gestores em profissionais empreendedores. In: ENEGEP, 24., 2004, Florianópolis. Anais[...]. Florianópolis: Enegep, 2004.

CAVALCANTE, Maria Elizangela Bessa Pinheiro; PINHEIRO, Francisco Geron Bessa. Empreendedor individual. 2014.

CORBISIER, Roland. Filosofia, política e Liberdade. 1a ed. Rio de Janeiro. 1975.

Disponível em:
https://books.google.com.br/books?redir_esc=y&hl=pt-BR&id=e7sMAAAAYAAJ&focus=searchwithinvolume&q=revolu%C3%A7%C3%B5es+luta. Acesso em 03 mar. 2024.

CRESWELL, Jonh W. **Projeto de pesquisa:** métodos qualitativo, quantitativo e misto. Porto Alegre: Arned, 2010.

DA SILVA CARREIRA, Suely et al. Empreendedorismo feminino: um estudo fenomenológico. **NAVUS-Revista de Gestão e Tecnologia**, v. 5, n. 2, p. 6-13, 2015.

Empreendedorismo Feminino: Importância e Desafio. Disponível em:
<https://www.contabilizei.com.br/contabilidade-online/empreendedorismo-feminino/> Acesso em: 01 jun. 2023.

FILION, L. J. Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios. *Revista de Administração*, São Paulo, v. 34 n. 2, p. 5-28, 1999.

G1, Bom Dia. **Brasil tem mais de 11 milhões de mães que criam seus filhos sozinhas.** 2023.

Disponível em:
<https://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2023/05/12/brasil-tem-mais-de-11-milhoes-de-maes-que-criam-os-filhos-sozinhas.ghtml>. Acesso em: 14 out. 2024.

GRUBITS, Sonia. Mulheres indígenas brasileiras: educação e políticas públicas. **Psicologia & Sociedade**, v. 26, p. 116-125, 2014.

GRUBITS, Sonia; DARRAULT-HARRIS, Ivan; PEDROSO, Maíra. Mulheres indígenas: poder e tradição. **Psicologia em Estudo**, v. 10, p. 363-372, 2005.

Hisrich, R. D., & Peters, M. P. (2002). *Entrepreneurship* (5th ed.). Boston: Irwin/McGraw Hill.

Jornal da USP. **IBGE Constata Aumento Recorde de Divórcios no Brasil.** São Paulo, 2024.

Disponível em:
<https://jornal.usp.br/atualidades/ibge-constata-aumento-recorde-de-divorcios-no-brasil/> Acesso em 14 out. 2024.

Instituto SEMESP. **Mulheres do Ensino Superior.** Disponível em:
https://www.semesp.org.br/wp-content/uploads/2022/03/Mulheres_no_Ensino_Superior_Brasileiro-07-03-2022.pdf Acesso em 14 out. 2024.

JONATHAN, Eva Gertrudes. **Mulheres empreendedoras: medos, conquistas e qualidade de vida.** Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/GLRTzNTHBNzkQVQD3BzFGNk/?lang=pt> Acesso em: 30 mai. 2023.

JONATHAN, Eva Gertrudes. **Mulheres empreendedoras: O desafio da escolha do empreendedorismo e o exercício do poder.** Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/pc/a/YcSysGmpDJmG4TDjswFhpN/?format=pdf&lang=p>>t Acesso em: 30 mai. 2023.

KASSAI, S. As empresas de pequeno porte e a contabilidade. 1996. 259 f. Dissertação (Mestrado em Controladoria e Contabilidade) – Programa de Pós-Graduação em Economia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

KRIPKA, Rosana; SCHELLER, Morgana; BONOTTO, Danusa Lara. Pesquisa Documental: considerações sobre conceitos e características na Pesquisa Qualitativa. CIAIQ2015, v. 2, 2015.

MARX, Karl. [1867]. O capital: crítica da economia política. Livro I: O processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2013.

MORAIS, Simone de. **Mulheres empreendedoras no Brasil**: fatores que as levam a empreender. Disponível em: <http://www.administradores.com.br/mobile/artigos/empreendedorismo/mulhereseempreendedoras-no-brasil-fatores-que-as-levam-a-empreender/85498/> Acesso em: 04 jun. 2023.

MOREIRA, Greicy Juliana; BARROS, Dulce Elena Coelho. Mulheres empreendedoras, do terceiro mundo, multitarefadas. **Revista Letras Raras**, v. 7, n. 2, p. 321-337, 2018.

NAÇÕES UNIDAS BRASIL. Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs/8>. Acesso em: 27 set. 2024.

NUNES, Keveny Filipe Vieira. Trabalho informal e precarização no município de Maracanaú. 2015.

PELEGRINO, Ana Izabel de Carvalho. A Cidadania e a Mulher: Desafios cotidianos e direitos sociais. O progresso das Mulheres no Brasil 2003-2010. Rio de Janeiro:

CEPIA; BRASILIA: ONU Mulheres, 2011. p. 236-260. Disponível em: http://onumulheres.org.br/wp-content/themes/vibecom_onu/pdfs/progresso.pdf.

Acesso em: 04 mar. 2024.

POSSATTI, I. C. & Dias, M. R (2002). Multiplicidade de papéis da mulher e seus efeitos para o bem-estar psicológico. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 15(2), 293-301.

II Plano Nacional de Políticas Para Mulheres. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/participacao/images/pdfs/conferencias/Mulheres_III/texto_base_3_conferencia_mulheres.pdf Acesso em: 16 jun. 2023

Relatório das Visitas a Terras Indígenas e Audiências Públicas Realizadas nos Estados de Mato Grosso, Mato Grosso Do Sul, Rondônia, Roraima, Pernambuco, Bahia e Santa Catarina (2003). **Conflitos Em Terras Indígenas**. Disponível em: https://www.camara.leg.br/Internet/comissao/index/perm/cdh/relatorios/relatorio_indigena.html Acesso em: 20 jun. 2023.

RODRIGUES, GRAZIELLE CRISTINA. A HISTÓRIA DOS DIREITOS DA MULHER INDÍGENA NO BRASIL. 2019.

R7. **Mulheres têm mais diploma na universidade e vão mais a escola do que os homens, diz IBGE.** Brasília, 2024. Disponível em:

<https://noticias.r7.com/educacao/mulheres-tem-mais-diploma-na-universidade-e-vao-mais-a-escola-do-que-os-homens-diz-ibge-08032024/> Acesso em: 14 out. 2024.

SEBRAE. Empreendedorismo. Disponível em:

<https://digital.sebraers.com.br/blog/empreendedorismo/tendencias-de-empreendedorismo-para-aplicar-no-seu-negocio-em-2023/> Acesso em: 10 jun. 2023.

SILVA, Karine Aparecida Pereira da; MENDES, Mariana. EMPREENDEDORISMO FEMININO: DESAFIOS, LUTAS E CONQUISTAS. 2019.

TENOURY, Gabriel Nemer Cavalcanti da Silva; MADALOZZO, Regina Carla; MARTINS, Sérgio Ricardo. Diferença salarial e contribuição previdenciária no mercado de trabalho brasileiro: uma análise a partir do sexo de dois indivíduos. **Estudos Econômicos (São Paulo)**, v. 51, pág. 33-72, 2021.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. As milenares origens do preconceito de gênero. **Revista Turismo & Desenvolvimento**, n. 23, p. 37-47, 2015.

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. Sistema de Bibliotecas da Unilab. Manual de normalização de trabalhos acadêmicos da Unilab Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. Sistema de Bibliotecas da Unilab. Acarape, CE, 2020.

Verdum, R. (2008). **Mulheres indígenas, direitos e políticas públicas.** Brasília, DF: Instituto de Estudos Socioeconômicos.

XAVIER, Antônio Roberto; PASSOS, Stéfanny Jerônimo; DE ANDRADE TAVARES, Rosalina Smedo. Mulheres indígenas e o empreendedorismo na etnia Kanindé, Aratuba, Ceará: Indigenous women and entrepreneurship in the Kanindé ethnic group, Aratuba, Ceará. **Revista Cocar**, v. 16, n. 34, 2022.